



EVOCAÇÃO

40º Aniversário do Assassinato de Caravela e Casquinha

Foi apresentada pelos eleitos da CDU, na sessão ordinária da Assembleia Municipal de Montemor-o-Novo, realizada no dia 20 de Setembro de 2019, a seguinte EVOCAÇÃO:

No dia 27 de Setembro fará 40 anos que, na herdade de Vale de Nobre, freguesia de S. Cristóvão, foram covardemente assassinados os trabalhadores José Geraldo “Caravela” de 57 anos e *António Maria do Pomar Casquinha* apenas com 17.

Estes trabalhadores apenas estavam a defender pacificamente aquilo que consideravam justo e portanto a exercer o seu direito de resistência, direito esse consagrado na Constituição da Republica.

Estavam, juntamente com outros trabalhadores, alguns dos quais ficaram também feridos, a defender aquela que foi uma das mais belas conquistas da revolução de Abril, a Reforma Agraria.

Essa Reforma Agraria que permitiu a saída do limiar da pobreza a milhares de trabalhadores do Alentejo ao garantir trabalho remunerado todo o ano e alguns dos direitos que, ainda hoje perduram tal como as férias ou os feriados pagos, o subsidio de férias ou o 13º mês.

A mesma que permitiu que nesses anos Portugal se tivesse tornado quase autossuficiente em matéria alimentar.

Aquela Reforma Agraria que os governos da altura atacaram e destruíram levando de novo o desemprego e o espectro da fome aos campos do Alentejo.

Estes trabalhadores morreram assassinados em tempo de “Democracia” e os seus assassinos diretos ou os mandantes nunca foram julgados.

Quando se julgava que os assassinios políticos já pertenciam a um tempo que tinha acabado, eis que a dura realidade nos aparece, nua e crua.

Nestas situações ficamos com um nó na garganta e as palavras recusam-se a formar-se.

Quando não temos palavras socorremo-nos das palavras de outrem.

Neste caso pedirei emprestadas as palavras do poeta José Gomes Ferreira

*Aqui
nesta planície de sol suado
dois homens desafiaram a morte, cara a cara,*

*em defesa do seu gado
de cornos e tetas.*

*Aqui
onde agora vejo crescer uma seara
de espigas pretas.*

*Quando os dois camponeses desceram às covas,
ante os punhos cerrados de todos nós,
chorei!*

*Sim, chorei
sentindo nos olhos a voz
do que há de mais profundo
nas raízes dos homens e das flores
a correrem-me em lágrimas na face.*

*Chorei pelos mortos e pelos matadores
– almas de frio fundo.*

*Digam-me lá:
para que serviria ser poeta
se não chorasse
publicamente
diante do mundo?*

Montemor-o-Novo, 20 de Setembro de 2019

